

**PESSOAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NOS DISCURSOS
FÍLMICOS¹**

PEOPLE WITH AUTISM SPECTRUM DISORDER IN FILM DISCOURSES

**PERSONAS CON TRASTORNO DEL ESPECTRO AUTISTA EN DISCURSOS
CINEMATOGRAFÍCOS**

PIECZKOWSKI, Tania Mara Zancanaro
taniazp@unochapeco.edu.br

Unochapecó – Universidade Comunitária da Região de Chapecó
<https://orcid.org/0000-0002-5257-7747>

RESUMO: A temática *Transtorno do Espectro Autista (TEA)* e as pessoas com tais características têm recebido crescente visibilidade nos últimos anos, em distintos contextos, entre os quais nas áreas da educação e da saúde, no campo jurídico, no cinema e noutras mídias. Este artigo elege as representações fílmicas, mais especificamente o filme *Loucos de amor*, como contexto para abordar o tema e objetiva evidenciar os efeitos de verdade difundidos pelo cinema acerca de pessoas com TEA. Busca analisar discursos fílmicos por meio da etnografia de tela e da análise do discurso com inspiração foucaultiana. O estudo aponta que a mídia fílmica é um potente canal de criação de efeitos de verdade que subjetivam as populações para determinadas compreensões acerca da temática.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista (TEA). Cinema. Efeitos de verdade. Perspectiva foucaultiana.

ABSTRACT: The theme Autism Spectrum Disorder - ASD and people with such characteristics have received increasing visibility in recent years in different contexts, among them, in the areas of education and health, in the legal field, in cinema and in other media. This article chooses filmic representations, more specifically the movie *Crazy in Love*, as a context to approach the theme and aims to highlight the effects of truth disseminated by cinema about people with ASD. It seeks to analyze filmic discourses through Screen Ethnography and discourse analysis with Foucauldian inspiration. The study points out that filmic media is a powerful channel for creating truth effects that subjectify populations to certain understandings about the theme.

Keywords: Autistic Spectrum Disorder (ASD). Movie theater. Real effects. Foucauldian perspective.

RESUMEN: El tema Trastorno del Espectro Autista - TEA y las personas con tales características han recibido creciente visibilidad en los últimos años en diferentes contextos, entre ellos, en las áreas de educación y salud, en el campo jurídico, en el

¹ Apoio: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) -

cine y en otros medios. Este artículo elige representaciones fílmicas, más específicamente la película *Locos de amor*, como contexto para abordar el tema y tiene como objetivo resaltar los efectos de verdad difundidos por el cine sobre las personas con TEA. Busca analizar los discursos fílmicos a través de la Etnografía de Pantalla y el análisis del discurso con inspiración foucaultiana. El estudio apunta que los medios fílmicos son un poderoso canal para crear efectos de verdad que subjetivizan a las poblaciones a ciertas comprensiones sobre el tema.

Palabras clave: Trastorno del Espectro Autista (TEA). Cine. Efectos de verdad. perspectiva foucaultiana.

1 INTRODUÇÃO

Dentre os sujeitos da Educação Especial, pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) têm ganhado expressividade nos últimos anos, dando maior visibilidade e reconhecimento às suas singularidades. Contudo, existem representações generalizantes e muitas vezes idealizadas de suas características e comportamentos atípicos, especialmente no cinema. Pessoas ‘estranhas’, balançando o corpo de forma estereotipada e vivendo isoladas em um mundo impenetrável é a imagem que durante muito tempo esteve associada às pessoas com autismo, um dos segmentos do grupo de pessoas que apresentam TEA. Outras vezes, essas pessoas são apresentadas como sujeitos geniais, com capacidades extraordinárias, gerando efeitos de verdade que subjetivam a população por meio de práticas discursivas, que, segundo Foucault (1997, p. 12), não são simplesmente “[...] modos de fabricação de discursos. Ganham corpo em conjuntos técnicos, em instituições, em esquemas de comportamento, em tipos de transmissão e de difusão, em formas pedagógicas que ao mesmo tempo as impõem e as mantêm”.

A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (PNEEPEI) adota o termo Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD) para fazer referência a alunos

[...] que apresentam alterações qualitativas das interações sociais recíprocas e na comunicação, um repertório de interesses e atividades restrito, estereotipado e repetitivo. Incluem-se nesse grupo alunos com autismo, síndromes do espectro do autismo e psicose infantil. (BRASIL, 2008, p. 15).

Embora a PNEEPEI (2008) adote o termo TGD, a terminologia TEA vem sendo predominantemente assumida nas menções a esse grupo, amparada no DSM-V (APA, 2014) e na nova versão da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde, a CID-11, lançada em 18 junho de 2018 e vigente a partir de 1º de janeiro de 2022.

Pessoas com TEA são também caracterizadas pela perspectiva jurídica. Dentre os dispositivos legais vigentes no Brasil, a Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012, instituiu a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, que, em seu Art. 1º, § 1º, caracteriza a pessoa com TEA e, no § 2º, Inciso II, estabelece que “A pessoa com transtorno do espectro autista é considerada pessoa com deficiência, para todos os efeitos legais” (BRASIL, 2012).

Com relação à prevalência de pessoas com TEA, consta no DSM V (APA, 2014, p. 55), que, em “[...] anos recentes, as frequências relatadas de transtorno do espectro autista, nos Estados Unidos e em outros países, alcançaram 1% da população, com estimativas similares em amostras de crianças e adultos”.

Contudo, uma publicação de 23 de março de 2023, do Centro de Controle e Prevenção de Doenças (Center of Diseases Control and Prevention – CDC), difundida em diversos canais midiáticos no Brasil, dentre os quais o *Canal Autismo* indica que, nos Estados Unidos, a prevalência do autismo é de uma em cada 36 crianças de 8 anos de idade, o que significa 2,8% da população (PAIVA JÚNIOR, 2023). Estudos publicados pelo CDC em 2020 estimavam que uma a cada 54 crianças eram autistas; e em 2018, uma a cada 59 crianças. Estudos anteriores apontavam para uma frequência ainda menor (CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION, 2021).

Fazendo referência à prevalência de pessoas com TEA, Rios *et al.* (2015, p. 327) assim esclarecem:

[...] fala-se de uma epidemia de autismo, em alusão ao aumento vertiginoso do número de casos num período curto de tempo. De uma forma geral, atribui-se esse aumento a uma mudança no modo como a psiquiatria passou a descrever e a classificar um conjunto de comportamentos e de características que já se apresentavam com determinada frequência na população [...].



Mesmo com muitas pesquisas voltadas à compreensão dos sujeitos com TEA, ainda há muitas dúvidas, e os conceitos são insuficientes “[...] para englobar a diversidade que o TEA apresenta, enquanto um transtorno de desenvolvimento, pois cada indivíduo é único, com características próprias, o que evidencia a impossibilidade de uma classificação generalizante” (SILVA; PIECZKOWSKI, 2022, p. 324).

Embora pesem expressivamente as descrições clínicas acerca das pessoas com TEA, neste artigo, a pretensão é fazer referência a esse público na perspectiva social, com menção à neurodiversidade, “[...] movimento organizado por autistas chamados de alto funcionamento que consideram que o autismo não é uma doença a ser tratada e se for possível curada” (ORTEGA, 2009, p. 67).

Pesquisa de Silva e Pieczkowski (2021, p. 1) sobre os discursos cinematográficos acerca de pessoas com TEA aponta que estes “[...] contribuem para a difusão social da temática, sensibilizando a população, mas que também criam efeitos de verdade, ao produzir visões generalistas, padronizadas e romantizadas acerca de pessoas com TEA”. As autoras salientam também que concepções clínicas e legais influenciam o campo da Educação Especial, “[...] subjetivando o público para a ideia do exótico, do impossível, das soluções mágicas, e das determinações biológicas” (SILVA; PIECZKOWSKI, 2021, p. 3).

Considerando os aspectos elencados, a presente proposta objetiva analisar narrativas presentes na mídia fílmica acerca das representações dos sujeitos já mencionados, por meio da análise do discurso, movida pela compreensão de que tais textos não são meros textos, e sim práticas sociais. O filme eleito para a análise, neste artigo é *Loucos de amor*, lançado em 2005, nos Estados Unidos.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O estudo proposto tem natureza qualitativa, em consonância com Martins (2004, p. 292), que define pesquisas qualitativas como aquelas que “[...] privilegiam, de modo geral, a análise de microprocessos, através do estudo das ações sociais individuais e grupais”. Para a autora, na perspectiva qualitativa, “[...] a preocupação básica do cientista social é a estreita aproximação dos dados, de fazê-los falar da

forma mais completa possível, abrindo-se à realidade social para melhor apreendê-la e compreendê-la” (MARTINS, 2004, p. 292).

O artigo é resultado de um projeto de pesquisa mais amplo, que se ampara na perspectiva pós-crítica, na qual pesquisar é aventurar-se no ato da investigação, e reconhece que o mundo contemporâneo vivencia novas configurações e representações culturais. Conforme Meyer e Paraíso (2014, p. 19), essas pesquisas usam ou se inspiram em uma ou mais abordagens teóricas que conhecemos sob o rótulo de “pós”:

Pós-estruturalismo, pós-modernismo, pós-colonialismo, pós-gênero, pós-feminismo e em outras abordagens que, mesmo não usando em seus nomes o prefixo ‘pós’, fizeram deslocamentos importantes em relação às teorias críticas – Multiculturalismo, Pensamento da Diferença, Estudos Culturais, Estudos de Gênero, Estudos Étnicos e Raciais, e Estudos Queer, entre outros. Apesar de diferenças significativas existentes entre suas correntes de pensamento, entre suas problemáticas e entre os/as autores/as que se filiam ou que são filiados a elas, são os efeitos combinados dessas correntes que chamamos de teorias, abordagens ou pesquisas pós-críticas.

A partir da perspectiva teórico-metodológica dos Estudos Foucaultianos em Educação, as noções de subjetivação e de discurso serão adotadas como uma grade de inteligibilidade pela qual a leitura do material será realizada, para que se possa compreender a forma como são produzidos processos de subjetivação pelos discursos presentes na mídia fílmica e como esses discursos reverberam nas práticas sociais.

O caminho metodológico para geração de materialidades analíticas foi a etnografia de tela, por meio da análise das narrativas do filme *Loucos de amor*, que aborda a vida de pessoas com TEA. A etnografia de tela é descrita por Rial (2005, p. 120-121) como a metodologia “[...] que transporta para o estudo do texto da mídia procedimentos próprios da pesquisa antropológica, como a longa imersão do pesquisador no campo, a observação sistemática [...], a linguagem cinematográfica e suas significações”. Balestrin e Soares (2014, p. 92) destacam que, entre as possibilidades da etnografia, “[...] a partir de uma tela, o cinema é um campo fértil para se analisar os diferentes processos e significação envolvidos na manutenção, na construção e na desconstrução de determinados discursos”.

Para Andrade (2014, p. 181), “[...] as narrativas são posicionadas como uma produção cultural, social, política e histórica, e não como um dado fixo, estável, igual a todos os outros e ancorado em práticas sociais e culturais que se querem mais ou menos precisas e iguais”.

De acordo com Sarlo (2007, p. 24-25), “[...] a linguagem liberta o aspecto mudo da experiência, redime-a de seu imediatismo ou de seu esquecimento e a transforma no comunicável, isto é, no comum”. Contudo, o modo de falar, de enunciar e de nomear, por mais nobre que seja o discurso em defesa da diversidade cultural e da inclusão das diferentes identidades, também é “[...] um modo de constituir o outro, de produzir verdades sobre esse outro, de cercar esse outro [...]” (FISCHER, 2012, p. 104).

As narrativas fílmicas foram examinadas por meio da análise de discurso com inspiração foucaultiana. A análise do discurso, nessa perspectiva, não tem como escopo trabalhar com a língua como sistema abstrato, mas sim analisar seu papel na produção de sentidos ou efeitos.

Em suas abordagens acerca dos discursos, Foucault refere-se ao enunciado e, na obra *A arqueologia do saber*, apresenta discurso como

[...] um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva; ele não forma uma unidade retórica ou formal, indefinidamente repetível e cujo aparecimento ou utilização poderíamos assinalar (e explicar, se for o caso) na história; é constituído de um número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência. O discurso, assim entendido, não é uma forma ideal e intemporal que teria, além do mais, uma história; o problema não consiste em saber como e por que ele pôde emergir e tomar corpo num determinado ponto do tempo; é, de parte a parte, histórico - fragmento de história, unidade e descontinuidade na própria história, que coloca o problema de seus próprios limites, de seus cortes, de suas transformações, dos modos específicos de sua temporalidade, e não de seu surgimento abrupto em meio às cumplicidades do tempo. (FOUCAULT, 2012, p. 143).

Fischer (2001, p. 198-199), amparada em Foucault, salienta que, para analisarmos os discursos, precisamos recusar as fáceis interpretações, a busca insistente do sentido último ou do sentido oculto por detrás das coisas, pois para o autor,

[...] nada há por trás das cortinas, nem sob o chão que pisamos. Há enunciados e relações, que o próprio discurso põe em funcionamento.

Analisar o discurso seria dar conta exatamente disso: de relações históricas, de práticas muito concretas, que estão 'vivas' nos discursos.

Nessa perspectiva, Sales (2014, p. 127) afirma que analisar discursos com amparo em Foucault não se trata de julgar intenções, mas sim “[...] de analisar por que aquilo é dito, daquela forma, em determinado tempo e contexto, interrogando sobre as ‘condições de existência’ do discurso”. Para Foucault (2005, p. 96), ao analisar os discursos, devemos estar atentos, pois estes podem “[...] admitir um jogo complexo e instável em que o discurso pode ser, ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder, e também obstáculo, escora, ponto de resistência e ponto de partida de uma estratégia oposta”.

Nesse sentido, Fischer (2012, p. 113) afirma que a mídia não apenas veicula, “Ela, sobretudo, constrói discursos e produz significados e sujeito. Essa formulação fundamenta-se na articulação dos conceitos de poder, saber e sujeito, feita por Michel Foucault”. Dreyfus e Rabinow (2010, p. 20) afirmam que Foucault não procurava “*estruturas atemporais*, mas condições *históricas* de possibilidade” (grifos dos autores). Da mesma forma, este artigo se propõe a investigar os discursos presentes na mídia cinematográfica acerca de pessoas com TEA, mais especificamente no filme *Loucos de amor*, com vistas a saber como tais narrativas podem se constituir em um dispositivo pedagógico e assim influenciar o processo de subjetivação.

3 PRÁTICAS DISCURSIVAS

As práticas discursivas vão se constituindo no tempo e produzem efeitos de verdade e subjetivação. De acordo com o dicionário de Foucault, subjetivação é o “[...] processo pelo qual se obtém a constituição de um sujeito, ou, mais exatamente, de uma subjetividade” (REVEL, 2011, p. 146). Para Foucault (2011, p. 12),

[...] a verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade e sua ‘política geral’ de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros.



São verdades em que acreditamos e que ressignificamos com o passar do tempo, adotando “novas lentes” para enxergar o que denominamos realidade. As práticas discursivas, para Foucault (1997, p. 12),

[...] não são pura e simplesmente modos de fabricação de discursos. Ganham corpo em conjuntos técnicos, em instituições, em esquemas de comportamento, em tipos de transmissão e de difusão, em formas pedagógicas que ao mesmo tempo as impõem e as mantêm.

Assim, a mídia fílmica contribui para a produção de *jogos de verdade*, tema “[...] onipresente em Foucault a partir do momento em que a análise das condições de possibilidade da constituição dos objetos de conhecimento e a análise dos modos de subjetivação são dadas como indissociáveis” (REVEL, 2001, p. 149).

Balestrin e Soares (2014, p. 92) “[...] consideram que o cinema é um campo fértil para se analisar os diferentes processos e significação envolvidos na manutenção, na construção e na desconstrução de determinados discursos”. Como os discursos sobre as pessoas com TEA produzem efeitos de verdade? É possível constatar que a concepção do TEA se constitui por discursos e práticas sociais sobre formas idealizadas de ser. Os discursos e enunciados deslocam as diferenças para os domínios da anormalidade, a ser sanada pelo modelo biomédico e sustentada por compreensões hegemônicas. Assim, considerando que o sujeito é produzido discursivamente em um determinado lugar e tempo, é preciso empreender “[...] a descrição dos enunciados que nesse tempo e lugar se tornam verdade, fazem-se práticas cotidianas e interpelam sujeitos, produzem felicidades e dores, rejeições e acolhimentos, solidariedades e injustiças” (FISCHER, 2003, p. 378).

Concordo com Rios *et al.* (2015, p. 326) acerca do fato de que está havendo uma ebulição do tema autismo, tanto na mídia impressa quanto na audiovisual, e que,

[...] no universo ficcional, autistas aparecem cada vez mais como personagens de livros, de filmes e de seriados televisivos. [...] o autismo tem sido cada vez mais objeto de atenção e discussão na mídia, na forma de notícias e em matérias de caráter eminentemente jornalístico.

Como são compreendidas as pessoas com TEA na mídia fílmica, nos discursos clínicos, nos contextos escolares? Atuei por muitos anos com crianças e

adultos diagnosticados com autismo em uma então denominada Escola Especial, vinculada a uma Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (Apae), espaço que atualmente é denominado Centro de Atendimento Educacional Especializado (Caesp). Os sujeitos com quem atuei, predominantemente, apresentavam acentuada deficiência intelectual, déficits na comunicação e na interação social, padrões repetitivos e restritos de comportamento e dependência para o desempenho de atividades da vida diária. Contudo, não é este o perfil evidenciado pelo cinema.

Também atuo como professora universitária há mais de duas décadas em cursos de licenciatura, ministrando componentes curriculares que abordam a Educação Especial e suas temáticas, dentre as quais a educação de pessoas com autismo/TEA. Desperta minha atenção o fato de que, no início da minha caminhada como professora do Ensino Superior, raramente algum estudante universitário conhecia o tema ou pessoas com autismo. Recentemente, o cenário está muito diferente: muitos estudantes das turmas em que atuo têm contato com crianças com TEA, especialmente na Educação Infantil ou Anos Iniciais do Ensino Fundamental, apoiando o professor titular de turma, função que assume diferentes nomenclaturas, a depender da região, da rede educacional e da formação acadêmica, pois alguns acadêmicos já possuem outras graduações: estagiário, segundo professor de turma, monitor, profissional de apoio, professor mediador. Percebo que, frequentemente, os estudantes que fazem referência às pessoas com TEA tendem a vê-las como pessoas geniais, com altas habilidades/superdotação,² tomando as redes sociais, os programas de televisão e os filmes como referências inquestionáveis, no sentido de generalizar e fixar determinadas características.

Silva e Pieczkowski (2022), ao tratar do discurso cinematográfico acerca de pessoas com TEA, listam nove filmes que tratam do assunto: *Rain Man* (1988); *O enigma das cartas* (1993); *Forrest Gump* (1994); *Loucos de amor* (2005); *Mary e Max – uma amizade diferente* (2009); *No espaço não existem sentimentos* (2010); *Tão forte e tão perto* (2011); *Um elo de amor* (2015); *Farol das orcas* (2016). Desses

² “Alunos com altas habilidades/superdotação demonstram potencial elevado em qualquer uma das seguintes áreas, isoladas ou combinadas: intelectual, acadêmica, liderança, psicomotricidade e artes. Também apresentam elevada criatividade, grande envolvimento na aprendizagem e realização de tarefas em áreas de seu interesse” (BRASIL, 2008, p. 6).

nove filmes, três foram analisados por meio da etnografia de tela: *Mary e Max: uma amizade diferente* (2009), *Tão forte e tão perto* (2011) e *Farol das orcas* (2016).

Para este artigo, o filme escolhido é *Loucos de amor*, e o desafio é pensar: como os discursos sobre as pessoas com TEA subjetivam a população e produzem efeitos de verdade? Constatamos que a concepção de TEA se constitui por discursos e práticas sociais sobre o corpo, o comportamento e o modo como essas formas são idealizadas. A suposta anormalidade é percebida como algo a ser sanado por métodos terapêuticos, como se a pessoa fosse ‘apagada’, deixada em segundo plano diante da perspectiva de cura. Não se trata de negar as diferenças funcionais desses sujeitos, mas sim, de compreendê-las como singularidades, como características, e não como desvios a serem corrigidos.

4 FILME *LOUCOS DE AMOR*

O filme *Loucos de amor* é dirigido por Petter Naess, com roteiro de Ronald Bass e protagonizado pelos atores Josh Hartnett, que interpreta Donald Morton, e Radha Mitchell, que interpreta Isabelle Sorenson. Na narrativa fílmica, ambos apresentam a Síndrome de Asperger.

No enredo do filme, Donald inicialmente trabalha como motorista de táxi, mora com pássaros, em precárias condições de higiene, e tem uma fantástica habilidade para lidar com números. Manifesta a necessidade de seguir padrões em sua vida, para que possa se organizar. O nome do protagonista do filme, Donald, não é por acaso. É uma referência a Donald, criança autista de 5 anos, conhecida como “caso 1”, diagnosticada em 1938 por Leo Kanner, psiquiatra austríaco radicado nos Estados Unidos. Donald foi descrito como tendo um comportamento “fora dos padrões” para as crianças da sua idade. O interesse de Kanner pelo comportamento de Donald o motivou a seguir estudando. Posteriormente, conseguiu reunir outras dez crianças com condições similares. Kanner, então, percebeu que tais crianças não respondiam a estímulos externos, apresentavam limitada ou nenhuma interação social, manifestavam apego a objetos restritos e apresentavam memória acima do comum. Na perspectiva de Kanner, o quadro das crianças analisadas estava associado à esquizofrenia infantil e era caracterizado por rotina obsessiva,

dificuldade na interação social, ecolalia e estereotípias, ou seja, ações ritualísticas e repetitivas.

Segundo Ortega (2009, p. 70), Kanner se referia às mães de crianças autistas com expressões como mães-geladeiras e “[...] ‘fortalezas vazias’, ‘tomadas desligadas’, ‘conchas’, ‘carapaças’, ‘ovos de pássaros’ e ‘buracos negros’, usadas pela tradição psicanalítica para se referir às crianças autistas”. Para o autor, tais denominações difundem uma visão negativa, com ênfase na ideia de déficit, impossibilidade e deficiência. Kanner estabeleceu relação entre autismo e culpa materna, porém foi Bruno Bettelheim que intensificou e propagou essa discussão (DONVAN; ZUCKER, 2017).

No filme em análise, Donald organiza um grupo de pessoas com TEA, que ora são nomeadas como autistas, ora como pessoas com Síndrome de Asperger, quadros que atualmente estão inseridos na mesma designação: Transtorno do Espectro Autista. Os personagens do filme têm um relacionamento próximo e, em algumas cenas, convivem como se fossem uma família. As famílias dos integrantes do grupo não aparecem nem são mencionadas, exceto o pai de Bronwin, que é citado, com a menção de que está com leucemia. Bronwin repete que seu pai vai buscá-la junto ao quadro de avisos, mas teme ser esquecida, pois acredita que pessoas autistas se perdem de seus pais. A lacuna evidenciada pelo filme em relação às famílias, é salientada no seu desfecho, ocasião em que o grupo está reunido para celebrar o dia de Ação de Graças e Isabelle ressalta que elas, as pessoas reunidas em torno da mesa, são “sua verdadeira família”.

Os comportamentos exóticos são ressaltados no filme: as pessoas não se olham nos olhos, embora tenham formas peculiares de interação. Cada pessoa expõe suas excentricidades de forma individualizada e concomitante. Nos encontros grupais, que parecem ter caráter terapêutico, as pessoas falam de si. Algumas dizem várias frases desconexas, dentre as quais alguns dizeres que perturbam Isabelle, participante do grupo pela primeira vez. Provocada a falar sobre si, relata:

Entendo as coisas literalmente. Lembro quando eu era criança e meus pais assistiam às olimpíadas na TV e um atleta quebrou um recorde. Todos ficaram empolgados. E eu pensei: ‘se isso impressiona eu posso fazer isso’. Então, eu fiz. As crianças da vizinhança viram o que eu estava fazendo e começaram a fazer uma barulheira que sabiam que eu odiava. Monstro! Monstro! Monstro! Então eu comecei a latir como um cachorro.

Isabelle narra esse episódio, relativo ao recorde de arremesso de discos, que ela interpretou como se fossem discos de vinil. No quintal da sua casa, ela espalhou os discos da família, causando estranhamento nas crianças da vizinhança.

Donald, ao mediar o grupo, diz que é sempre bom iniciar as coisas pelo começo e se apresenta a Isabelle Sorensen contando aspectos da sua vida: “Quando eu fiz dois anos, meus pais entenderam a jogada. Eu não era o que eles esperavam numa criança. Não era normal.” Prossegue, relatando sua incrível habilidade com números, o que, na sua infância, impactava e espantava as crianças ao seu redor. Em encontros subsequentes, Donald compartilha sua compreensão literal das coisas, chegando a detalhar ou descrever piadas, atitude também manifestada por Isabelle, com quem Donald vive um romance.

Isabelle também convive com coelhos e com um camaleão e manifesta cuidado e apego para com os animais. Uma cena do filme é marcante, quando Isabelle instala-se na casa de Donald com seus bichos e, aproveitando a ausência dele, organiza o ambiente: joga no lixo alimentos velhos guardados na geladeira; organiza jornais velhos; lava louças sujas que estavam empilhadas; limpa fezes de pássaros espalhadas pela casa, inclusive na cabeceira da cama de Donald; retira uma cortina de plástico do banheiro e joga-a para fora, não suportando o seu estado imundo.

Donald retorna do trabalho animado para encontrar Isabelle. Ao abrir a porta e constatar as mudanças no ambiente, fica paralisado. Cada mudança percebida no espaço acentua a sua reação de perplexidade, o que culmina com a percepção da troca da cortina do banheiro, substituída por uma nova, comprada por Isabelle. Donald arranca a cortina e grita: - “Você não tinha o direito de roubar a minha vida”. Vai à garagem do prédio e começa a analisar os números das placas dos carros, fazendo muitas operações com eles. Essa foi a forma que ele encontrou para se reorganizar.

O relacionamento de Donald e Isabelle passa por muitas instabilidades, e ambos relatam suas inconsistências de comportamento, evidenciando suas formas de ser e a impossibilidade de negarem o TEA, embora façam um grande esforço para “serem normais”, como dizem eles.

Isabelle intermedia uma entrevista de emprego para Donald em uma universidade, que o contrata para identificar os erros do computador. A entrevista de emprego é singular: Donald não olha para o entrevistador. Mesmo assim é admitido, uma vez que a universidade está contratando pessoas com deficiência.

No relacionamento do casal, seguem-se várias tentativas de serem “normais”: alugar uma casa com quintal; convidar o chefe para jantar; dar um beijo de despedida para o marido que sai para trabalhar; cozinhar, dentre outras. A maioria das iniciativas foram desastrosas.

Cada cena do filme revela surpresas. Uma das passagens finais é especialmente significativa. Após uma reaproximação do casal, depois de um tempo de afastamento, Isabelle diz: - “Não posso lhe prometer o futuro, Pato Donald [forma carinhosa como ela o chamava]. Eu não sei se isso é para dois dias ou vinte anos”. E Donald responde: - “Finalmente algo em nós que é normal”.

Mas não pretendo aqui narrar o filme inteiro, e sim convidar o leitor que não assistiu a fazê-lo.

Pessoas com TEA representam

[...] a singularidade humana na sua amplitude, uma vez que esse público desafia a lógica da padronização, da mesmice, e se mostra sempre único e surpreendente. É a materialização da diferença que desestabiliza quem pretende ter o controle sobre o outro. (SILVA; PIECZKOWSKI, 2022, p. 328).

Foi a área médica que, por meio de documentos como a Classificação Internacional de Doenças (CID) e o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), normatizou, categorizou e padronizou sujeitos antes considerados como esquizofrênicos ou detentores de deficiência intelectual (ANDRADE, 2019), como as pessoas com TEA. Contudo, na contemporaneidade, ganha representatividade a perspectiva social da deficiência. Segundo Diniz, Barbosa e Santos (2009, p. 74), essa perspectiva desafia

[...] as narrativas do infortúnio, da tragédia pessoal e do drama familiar que confinaram o corpo com impedimentos ao espaço doméstico do segredo e da culpa. As propostas de igualdade do modelo social não apenas propuseram um novo conceito de deficiência em diálogo com as teorias sobre desigualdade e opressão, mas também revolucionaram a forma de identificação do corpo com impedimentos e sua relação com as sociedades.



Faço esse destaque, com o intuito de salientar que a temática abordada neste texto pode ser analisada por distintos olhares, de acordo com as lentes teóricas assumidas. Olhar para essa temática a partir dos Estudos Foucaultianos e da análise do discurso implica desnaturalizar o que parece natural:

[...] é dar conta de como nos tornamos sujeitos de certos discursos, de como certas verdades se tornam naturais, hegemônicas, especialmente de como certas verdades se transformam em verdades para cada sujeito, a partir de práticas mínimas, de ínfimos enunciados, de cotidianas e institucionalizadas regras, normas e exercícios. Pesquisar a partir desses pressupostos históricos e filosóficos significa também, e finalmente, dar conta de possíveis linhas de fuga, daquilo que escapa aos saberes e aos poderes, por mais bem montados e estruturados que eles se façam aos indivíduos e aos grupos sociais [...]. (FISCHER, 2003, p. 385-386).

De fato, para Foucault, tudo é fruto de práticas sociais e históricas, nas quais os objetos do discurso estão submersos em relações de poder e saber, que se provocam reciprocamente. Desse modo, o discurso se expressa como construção e como prática, não podendo ser apreendido como “um fenômeno de mera expressão de algo” (FISCHER, 2001, p. 200). Segundo Silva e Pieczkowski (2022, p. 328),

É possível compreender que os discursos sobre as pessoas com TEA vão além da divulgação de informações sobre o transtorno ou suas características. Por meio de verdades produzidas, esses discursos realizam processos de subjetivação da população e fabricam verdades, favorecendo a construção de um perfil estigmatizado acerca dessas pessoas, fixando compreensões em que as relações de poder é que vão determinar quais saberes e quais verdades serão interessantes a partir dos jogos econômicos e políticos envolvidos.

Ortega (2009) salienta que, de 1940 a 1960, predominaram as explicações psicanalíticas do autismo na teoria e na clínica psiquiátricas. Desde os anos 1960, as explicações do transtorno são orgânicas, especialmente cerebrais, e, mais recentemente, emerge a perspectiva da neurodiversidade, amparada na lógica do direito de ser diferente. O movimento da neurodiversidade se baseia no modelo social de deficiência, que contesta o modelo médico de deficiência, o qual, por sua vez, adota estratégias normalizadoras em relação às pessoas autistas, entendidas como passíveis de reabilitação, tratamento e cura. As práticas normalizadoras procuram evitar o comportamento considerado inapropriado, desajustado,

garantindo previsibilidade nas relações e nos espaços, resultando assim em disciplinamento, ou, como refere Foucault (2014), em corpos dóceis.

Segundo Felisbino (2022, p. 61),

[...] a normalização teria como objetivo que esses sujeitos aprendam a se comunicar, interagir socialmente, fazer contato visual. Muitas vezes, a normalização age operando sobre características como as estereotípias, que podem não prejudicar o desenvolvimento do indivíduo e até serem consideradas importantes estratégias de regulação emocional, mas por serem desviantes a norma estabelecida socialmente como correta, são consideradas inapropriadas e alvo de extinção.

Nesse sentido, Wu (2019, p. 10) analisou a educação de autistas em dissertações e teses produzidas nas Regiões Sul e Sudeste do Brasil, entre os anos de 2008 e 2016, e constatou a predominância do discurso médico sobre o TEA, caracterizando-o como um prejuízo “[...] decorrente da condição psíquica do indivíduo”.

Os diferentes olhares nos instigam a questionar se as pessoas com autismo não existiam antes de serem assim diagnosticadas, ainda no século XX. Obviamente existiam, mas não eram nomeadas dessa forma. A afirmativa de Ortega também nos provoca a pensar nos modismos terapêuticos, na tentativa de corrigir “sujeitos inadequados”. Por sua vez, Skliar (1999, p. 22) enfatiza que as diferenças “[...] não devem ser entendidas como um estado não desejável, impróprio, de algo que cedo ou tarde voltará à normalidade. [...] a diferença existe independentemente da autorização, da aceitação, do respeito ou da permissão outorgada da normalidade”.

5 CONSIDERAÇÕES

A mídia fílmica é um potente canal de difusão de informações, de “verdades” e também, de criação de efeitos de verdade que subjetivam as populações para determinadas compreensões acerca de uma temática ou de sujeitos com determinadas características. A ampliação de filmes sobre pessoas com TEA, nos últimos anos, encontra o interesse da população, que cada vez mais se depara com a proximidade desse assunto nos círculos familiares, de amizade e de trabalho, nas escolas e em todos os lugares.

O filme *Loucos de Amor* dá poderes extraordinários aos personagens autistas, especialmente ao protagonista, Donald, a exemplo de sua capacidade de encontrar os erros do computador, sugerindo altas habilidades. Em suas discussões sobre TEA, atuando como professora de graduação e pós-graduação ou como formadora de professores, percebo que muitos têm generalizado as habilidades de pessoas com TEA e as compreendido como sinônimo de altas habilidades. De fato, alguns sujeitos com TEA poderão apresentar habilidades impressionantes, mas não são sinônimos.

Estou de acordo com Silva e Pieczkowski, quando afirmam que a maneira como pessoas com TEA são apresentadas na mídia fílmica evidencia o comportamento de muitas pessoas que apresentam o espectro. Portanto, não há a intenção de negar especificidades, mas sim, de tensionar como

[...] tais características podem gerar generalizações, de forma que antes a população visualize o TEA das pessoas e depois as pessoas com TEA. Isso porque os discursos midiáticos de alto alcance como o cinema, constroem no público telespectador efeitos de verdade, formando imagens padronizadas, por vezes romanceadas, por vezes melancólicas e tristes, de como as pessoas com TEA são, como algo definitivo. (SILVA; PIECZKOWSKI, 2022, p. 328).

O cinema mostra-se um potente fator econômico, e, para que assim seja, as narrativas devem ser atrativas, impressionar o espectador e a vida das pessoas se transformar em espetáculo de consumo. Isso justifica porque a maioria dos filmes sobre pessoas com TEA evidencia o exótico, o impactante, e não pessoas com TEA “comuns”. Contudo, o cinema pode ser também um importante dispositivo pedagógico, e interessa saber como dele podem emergir mecanismos educacionais envoltos na ética-estética, para que se possa compreender pessoas com TEA na sua singularidade e reconhecê-las na sua diferença.

TANIA MARA ZANCANARO PIECZKOWSKI

Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Professora, pesquisadora e, atualmente, coordenadora do Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Educação da Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó). Integrante da Linha de Pesquisa *Diversidade, interculturalidade e educação inclusiva* e líder do Grupo de Pesquisa *Diversidades*,

educação inclusiva e práticas educativas (Unochapecó). Bolsista de produtividade em pesquisa CNPq -2.

REFERÊNCIAS

- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *DSM-5: manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. 992p.
- ANDRADE, S. A entrevista narrativa ressignificada nas pesquisas educacionais pós-estruturalistas. In: MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. A. (org.). *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação*. Belo Horizonte: Mazza, 2014. p. 175-196.
- ANDRADE, W. P. O. *Histórias e memórias de práticas educacionais relacionadas às pessoas com autismo em Sergipe (1962-1993)*. 2019. 112 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2019. Disponível em: <https://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/12675>. Acesso em: 6 jul. 2020.
- BALESTRIN, P. A.; SOARES, R. “Etnografia de tela”: uma aposta metodológica. In: MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. A. (org.). *Metodologias de pesquisa pós-críticas em Educação*. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014. p. 89-111.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. *Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva*. Brasília: [s. n.], jan. 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeduc ESPECIAL.pdf>. Acesso em: 2 maio 2023.
- BRASIL. Lei n.º 12.764, de 27 de dezembro de 2012. “Lei Berenice Piana”. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. *Diário Oficial da União*: Brasília, DF, Seção 1, p. 228, dez. 2012.
- CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION. Prevalência e características do transtorno do espectro autista entre crianças de 8 anos — 171 Autism and Development Disabilities Monitoring Network, 11 Sites, Estados Unidos, 2018. *Surveillance Summaries*, [S. l.], v. 70, n. 11, p. 1-6, dec. 2021. Disponível em: <https://www.cdc.gov/mmwr/volumes/70/ss/ss7011a1.htm>. Acesso em: 6 jul. 2022.
- DINIZ, D.; BARBOSA, L.; SANTOS, W. R. Deficiência, Direitos Humanos e Justiça. *Revista internacional de direitos Humanos*, São Paulo, v. 6, n. 11, p. 65-77, dez. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sur/a/fPMZfn9hbJYM7SzN9bwzysb/?format=pdf&lang=es>. Acesso em: 6 jul. 2020.
- DONVAN, J.; ZUCKER, C. *Outra sintonia: a história do autismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.



DREYFUS, H. L.; RABINOW, P. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Tradução de Vera Portocarrero e Gilda Gomes Carneiro. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FELISBINO, C. *Políticas públicas brasileiras para o autismo: entre a patologização da diferença e a correção comportamental*. 179 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, SC, 2022. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/5899>. Acesso em: 6 jul. 2020.

FISCHER, R. M. B. Foucault e a análise do discurso em educação. *Cadernos de pesquisa*, Porto Alegre, n. 114, p. 197-223, nov. 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/SjLt63Wc6DKkZtYvZtzgg9t/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 6 jul. 2020.

FISCHER, R. M. B. Foucault revoluciona a pesquisa em educação? *Perspectiva*, Florianópolis, v. 21, n. 2, p. 371-389, jul./dez. 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/9717>. Acesso em: 6 jul. 2020.

FISCHER, R. M. B. *Trabalhar com Foucault: arqueologia de uma paixão*. Belo Horizonte: Autêntica 2012.

FOUCAULT, M. *Resumo dos Cursos do Collège de France 1970-1982*. Tradução de Andréa Daher. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 16. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2005.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. 29. ed. reimp. Rio de Janeiro: Graal, 2011.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução: Raquel Ramallete. 42. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MARTINS, H. H. T. de S. Metodologia qualitativa de pesquisa. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 289-300, maio/ago. 2004. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/27936>. Acesso em: 6 jul. 2020.

MEYER, D. E.; PARAISO, M. A. Metodologias de Pesquisa Pós-Críticas em Educação. In: MEYER, D. E.; PARAISO, M. A. (org.). *Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação*. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014. p. 17-24.

OMS divulga nova Classificação Internacional de Doenças (CID 11). *Opas*, [S. l.], 18 jun. 2018. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/18-6-2018-oms-divulga-nova-classificacao-internacional-doencas-cid-11>. Acesso em: 9 maio 2023.



PAIVA JÚNIOR, F. *Prevalência do autismo: dados do CDC indicam que 1 em cada 36 pessoas tem autismo nos Estados Unidos. Canal Autismo*, [S. l.], 2023.

Disponível em: <https://www.canalautismo.com.br/noticia/prevalencia-de-autismo-1-em-36-e-o-novo-numero-do-cdc-nos-eua/>. Acesso em: 1º maio 2023.

RIAL, C. S. Mídia e Sexualidade: breve panorama dos estudos de mídia. In: GROSSI, M. P. *et al.* (org.). *Movimentos sociais, educação e sexualidade*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. p. 107-136. Disponível em: <https://navi.ufsc.br/files/2017/11/M%C3%8DDIA-E-SEXUALIDADES-BREVE-PANORAMA-DOS-ESTUDOS-DE-M%C3%8DDIA.pdf>. Acesso em: 13 maio 2023.

RIOS, C. *et al.* Da invisibilidade à epidemia: a construção narrativa do autismo na mídia impressa brasileira. *Interface*, Botucatu, v. 19, n. 53, p. 325-35, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-57622014.0146>. Acesso em: 11 maio 2023.

SALES, S. R. Etnografia + análise do discurso: articulações metodológicas para pesquisar em Educação. In: MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. A. (org.). *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação*. Belo Horizonte: Mazza, 2014. p. 113-134.

SARLO, B. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SKLIAR, C. A invenção e a exclusão da alteridade “deficiente” a partir dos significados da normalidade. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 24, n. 2, p. 15-32, jul./dez. 1999. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/55373>. Acesso em: 11 maio 2023.

ORTEGA, F. Deficiência, autismo e neurodiversidade. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 67-77, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/CPcMbsxxyfF3CXSLwTcprwC/>. Acesso em: 11 maio 2023.

REVEL, J. *Dicionário Foucault*. Tradução de Anderson Alexandre da Silva. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

SILVA, B. J. M.; PIECZKOWSKI, T. M. Z. O discurso cinematográfico acerca de pessoas com Transtorno do Espectro Autista. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 40. 2021, Belém. *Anais [...]*. Belém: Universidade Federal do Pará, 2021. p. 1-6. Disponível em: http://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos_34_20. Acesso em: 10 maio 2023.

SILVA, B. J. M.; PIECZKOWSKI, T. M. Z. O discurso cinematográfico acerca de pessoas com Transtorno do Espectro Autista. In: GUIMARÃES, D. N.; MEIRELES, M. M.; CORSINO, P. (org.). *Educação como prática de liberdade: sujeito e pesquisas em tempos de luta*. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2022. p. 321-330.



WUO, A. S. Educação de pessoas com Transtorno do Espectro do Autismo: estado do conhecimento em teses e dissertações nas regiões Sul e Sudeste do Brasil (2008-2016). *Saúde Soc.* São Paulo, v. 28, n. 3, p. 210-223, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/Xchrj5dRf6gWzH7bvsZ8gKM/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 6 jul. 2020.

Recebido em: 16/05/2023.

Aprovado em: 20/09/2023.